

Márcia Denise de Oliveira Godoy

RONCA, Afonso Caruso ; GONÇALVES, Luiz Carlos . **A clara e a gema**¹.
São Paulo : Edesplan, 1998.

Livro introduzido "deliciosamente" por um conto que mostra, "alegoricamente", a história de Maria da Glória e seus questionamentos acerca de si, é *A clara e a gema*. Perguntas essas que "**ficarão no ar**" para serem respondidas, assim como a um "novo", desveladas paulatina e, dialeticamente, ao longo do livro.

Dialética : eis a **chave** inicial da reflexão aqui instaurada. Essa é a primeira descoberta que fazemos de imediato, uma vez que pensamento, linguagem e ação são elementos coesos, inseparáveis como **a clara e a gema**. E para nós, futuros educadores, pensar sobre educação deve significar: reavaliar, redefinir, refletir sobre si mesmo, buscando assim, a possibilidade de compreensão do educar, do fazer pensar e do estimular. Isto é, o nosso passado, o nosso presente e o nosso futuro podem estar relacionados a esse desejo de aprender e não só de ensinar. Algo parecido com o que Maria da Glória faz. Assim, para a formação e solidificação da cidadania precisamos despertar no indivíduo a consciência moral através da

inteligência associada às informações recebidas por ele na sociedade.

Aliadas a esse instante reflexivo outras questões nos são propostas, são elas a saber: a *discussão sobre o cotidiano escolar e a formação da estrutura moral em nossos alunos; ou seja, como podemos influenciá-los , visando à transformação da educação no Brasil, levando em consideração a nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional?* Feito isso, discute-se alguns conceitos de inteligência, considerando-se que a compreensão do processo e de suas relações com a cultura tem de levar em conta o humano como ser igualmente histórico. Tal construção da inteligência se fará na proporção em que ele puder colocar essa mesma construção, em função da participação na sociedade e na comunidade em que vive.

Dessa forma, não existe um homem acabado e pronto. Ao mesmo tempo em que ele procura compreender-se, tenta compreender a sociedade em que vive. Portanto, qualquer abordagem científica

¹ Texto elaborado durante curso para professores no CEETPS - Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza. O livro de Ronca fazia parte da bibliografia sugerida para leitura e discussão durante o curso e, um dos coordenadores pediu para que fosse elaborada uma resenha do livro que melhor encaminhasse a reflexão que, então, se pretendia após análise dos Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Médio.

que se deseje fazer não pode separar o ser humano em partes, deve buscar-se a compreensão do humano em seu equilíbrio funcional interno e, numa busca de harmonia pessoal e interpessoal. Sendo assim, a estrutura cognitiva e a estrutura moral serão construídas no ser humano a partir de experiências afetivas e sociais vividas na família e na escola com a percepção do mundo e a possibilidade de reflexão crítica que se possa fazer sobre tal construção. Logo, compreende-se como indivíduo autônomo aquele cidadão que pode utilizar os recursos tanto cognitivos quanto afetivos, políticos ou o econômicos, também e, principalmente, em função da comunidade, da cooperação mútua e do bem comum.

Pensando-se em termos científicos, afirma-se que a consciência crítica, o pensamento e a linguagem são dimensões do universo cognitivo que devem ser construídos com experiências que conduzam à **internalização da moralidade**. Para desenvolver a sensibilidade do aluno, e fugir do aspecto obrigatório das disciplinas, devem ser assumidos projetos que estimulem **as artes**, pois **sensibilidade** também se desenvolve na escola.

Percebe-se então, que o afetivo tem função inicial e iniciadora em todo processo cognitivo, e porque não afirmar em todos os processos existenciais. Tais dimensões precisam ser compreendidas em sua unicidade tal qual a existência entre a **clara e a gema**. A construção do conhecimento, por extensão, tem que apresentar relação íntima com o mundo com o objetivo de poder analisá-lo, criticá-lo e, possivelmente, modificá-lo.

Por conseguinte, se crianças e jovens não vivenciarem situações concretas e simples nas quais **honestidade, justiça, e cooperação** estiverem presentes, ora em

projetos, ora em reflexões, como esperar que possam discutir temas sociais urgentes e controversos? O educar, conseqüentemente, deve estimular os alunos a participarem de projetos ligados à formação da cidadania, uma vez que ele é um aluno de construção, de participação, de resposta. Imaginamos, portanto, que o construtivismo não apele para a construção do conhecimento desvinculado da realidade, ele sugere caminhos e aponta na direção de uma experiência íntima e particular, ele amplifica na construção do conhecimento visualizando-a, concretizando-a, concomitantemente, na construção da cultura e na participação comunitária.

Deve-se pinçar nas diferentes ciências, fenômenos que se tornem objeto de reflexão, no que diz respeito a valores como **liberdade, justiça e igualdade**. Fecha-se, por conseguinte, dialeticamente, a indagação de Maria da Glória, em que não basta restringir o **educar**, a uma reprodução única e atenuante do conteúdo programático; cabe o partilhar das experiências vivenciadas, associadas às descobertas científicas. Com isso **vida e ciência** tornam-se inseparáveis, como a **clara e a gema**.

Márcia Denise de Oliveira Godoy
Mestranda em Educação pela UNICAMP
marciagodoy52@hotmail.com